

# Aparecido repudia pressões

## Governador atribui desfecho à ação de "um grupinho"

ULISSES LACAVAL

Repórter Especial

O governador José Aparecido advertiu ontem que não admitirá resistências à criação da Secretaria de Cultura do Distrito Federal e à indicação de Vera Pinheiro para ocupar o cargo, a exemplo do que ocorreu com relação ao jornalista José Carlos Andrade, anteriormente indicado, que pediu demissão diante da mobilização da classe cultural de Brasília, contrária à criação de uma secretaria que esvaziaria a atuação da Fundação Cultural. Aparecido falou ao **CORREIO** sobre o movimento, classificado por ele como uma ação de um "grupinho" sem representatividade, e defendeu um projeto cultural que devolvesse a Brasília sua condição de "cidade-síntese" do Brasil, livre do autoritarismo que esteve presente durante toda a sua existência, praticamente, "que ainda hoje se faz sentir".

**CORREIO** — Governador, como o senhor explica toda essa mobilização contrária à Secretaria de Cultura?

**Governador** — É realmente uma coisa extraordinária. É a primeira vez na história da humanidade que uma Fundação Cultural é contrária à ampliação do espaço cultural na mesa de decisão do Poder, através da criação de um órgão público específico para isso. Como é que você pode imaginar que pessoas que se dizem intérpretes de uma comunidade intelectual, que têm compromisso com a inteligência, pudessem ser contra uma Secretaria de Cultura?

Ainda mais aqui, onde mais de 90% dos recursos que se aplicam na área de educação e cultura vão para a educação, e espantosa uma reação como essa, no momento em que o País vive a grande crise que estamos vivendo. Pois é nos momentos de crise que os povos têm a emergência do problema cultural, lembram que têm raízes, que precisam regá-las na defesa da sua personalidade nacional. Pa-

ra mim, isto é resultado do condicionamento da cidade ao autoritarismo. Brasília, com 25 anos de existência, viveu 21 sob o autoritarismo. É engraçado que as pessoas falem contra a liberdade em nome da cultura.

**CORREIO** — Mas as pessoas que hoje estão na Fundação Cultural sempre lutaram contra o autoritarismo...

**Governador** — Reconheço as referências, mas elas não me impressionam. Na resistência democrática tenho matrícula mais antiga que todos eles, porque sou mais velho. Há mais de 30 anos luto contra o autoritarismo. Brasília tem quatro anos de vida a luz da democracia, as pessoas mordem o dedo do autoritarismo, mas, na verdade, estão nas fraldas da democracia. As pessoas da oposição, que estão ocupando cargos no GDF precisam assumir que agora são governo, elas têm novas responsabilidades, não podem ficar assumindo fáticas de oposição. A cultura não pode ser patronada por essa gente que ocupou os cargos por conta do seu passado de resistência. Os jovens não têm nada com isso. Brasília é uma cidade jovem, mais de 50% da população têm menos de 19 anos. O combate ao autoritarismo tem que ter uma coisa moderna, acho ótima toda essa discussão, a cultura desta cidade precisa ser repensada, a árvore precisa ser regada por gente mais moça.

**Governador** — Se houver resistência, demito e ponho pessoas mais modernas. Visões interessadas são mais que discutíveis, na atual realidade brasileira são dispensáveis. Os opositores querem que sentem poucos na mesa do poder, trata-se de um grupinho que não representa a sociedade brasileira, representa o Plano Piloto, que tem 25% da população. A intelectualidade brasileira deveria estar com remorso pela sua visão elitista, fundida na omissão, que não se preocupou em

levar cultura para Taguatinga ou Ceilândia. Toda essa movimentação é bobagem, os que estão criticando sabem que não vou adotar uma postura paroquial.

**CORREIO** — E o diálogo, Governador?

**Governador** — Estou fazendo o diálogo, todos sabem que tenho uma vida pública aberta, mas não vou me submeter à ditadura da minoria, que não pode ficar contra a criação da secretaria, que não pode impor ao Governador o nome de um secretário e que não pode limitar sua atuação aos seus interesses, isso é fisiologismo. A secretaria vai ser implantada e Vera será a secretária, e se sua presença provocar constrangimentos, ela irá despachar da sala do Luis Humberto...

(Nesse momento, Vera interveio na entrevista, manifestando o seu desejo de despachar do Palácio do Buriti, o que foi aceito por Aparecido).

**CORREIO** — Como o senhor viu o pedido de renúncia de José Carlos Andrade?

**Governador** — Ele foi profundamente delicado, quis me fazer a homenagem de não errar, saindo antes de entrar.

**CORREIO** — O senhor acha que a reação pode ter sido contra o secretário e não contra a secretaria?

**Governador** — Não. Em primeiro lugar, se é ao secretário, então deveria ser posto assim, e não à Secretaria. O secretário até eu poderia compreender, porque ninguém é obrigado a achar que alguém é mais simpático do que outro... Mas há alguém que ache que alguém é mais simpático, mais capacitado ou tenha mais tradição, para interpretar a área cultural de Brasília. Isto tudo acho perfeito. O que acho realmente que foi um erro de colocação, que nos colocou muito mal, como Distrito Federal, aos olhos do nosso tempo, não foi isso. Eu estava

conversando hoje dizendo que sou amnésico com relação a algumas coisas. Eu pretendo, inclusive, que este trecho da resistência seja esquecido com relação a Brasília. Que ninguém se lembre que num determinado momento havia pessoas vivendo em Brasília que eram contra a criação de uma Secretaria de Cultura, exatamente na sede do Governo da República.

**CORREIO** — Agora, por que o senhor não recebe essa gente?

**Governador** — Porque não pediram audiência — eu recebo todo mundo. No momento em que quiseram falar comigo, teriam falado. Recebi aqui quem veio. Nestes dez dias, já conversei com muito mais de mil pessoas. Eu não ia deixar exatamente de conversar com pessoas que interpretam o pensamento...

**CORREIO** — O que significa a presença de Vera Pinheiro à frente da Secretaria de Cultura?

**Governador** — Vera é síntese, reúne um passado profundamente ligado a Brasília, como filha do construtor do Catetinho, engenheiro Juca Chaves. Vera é a plataforma do tempo, nunca deixou de ter 19 anos, ela tem a idade de Brasília, uma postura transformadora de sonho, protesto e esperança, uma solução que envolve ao mesmo tempo o compromisso da memória e da transformação. Acredito que ela será capaz de implantar a secretaria em harmonia com a comunidade. Amanhã (hoje) mesmo ela vai assumir o lugar do José Carlos no grupo que está estudando a implantação da Secretaria e vai assumir a gestão dos assuntos culturais. Todos aprovaram a escolha, inclusive o Pompeu. Brasília está retomando o seu compromisso maior, que é ser a cidade-síntese da cultura brasileira, ao mesmo tempo que é cidade-monumento e capital nacional.